



## **DAR O QUE SE TEM: A PRODUÇÃO CULTURAL NEGRA NO INVENTÁRIO DE PROFESSORAS**

**Greice Duarte de Brito Silva<sup>1</sup>**

Este texto apresenta parte da investigação que teve por objetivo mapear as práticas culturais de professoras da Educação Infantil da rede pública, relacionadas ao conhecimento de artistas, espaços e/ou manifestações culturais relacionadas às tradições africanas, afro-brasileiras e/ou cenários socioculturais do negro no Brasil. Acredita-se que valorizar histórias de vida e a presença de artistas, das artes e da cultura afrodescendente, pode ser um modo de educar a favor das relações étnico-raciais.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante a pandemia e teve o apoio da Coordenadoria de Educação Infantil - Niterói/RJ. Através de um convênio firmado, foi estabelecido contato virtual com as Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI) e assim encaminhado um formulário digital para preenchimento dos professores. Trinta e sete professoras responderam ao formulário, todas representantes do gênero feminino, com idade entre 27 e 61 anos. Sobre a localização geográfica, é considerável dizer que 88% nasceram no Estado do Rio de Janeiro e 47% residem na cidade de Niterói. As participantes representam 20 entre as 43 Unidades Municipais de Educação Infantil da Rede Pública de Niterói. Do total, 29% atuam como professoras há mais de 20 anos, tendo 66% atuado com todas as faixas etárias de crianças, de zero a cinco anos.

Dos dados da pesquisa sobre a Cultura Afro-brasileira nas Rotas de Formação, destacam-se as respostas que remetem à busca por tempos, territórios, figuras de ligação, vivências culturais e objetos biográficos, a presença ou não de elementos de matriz africana e/ou afro-brasileira. Entre a

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFF. Pesquisadora do Grupo FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no COLUNI- UFF, Niterói, RJ. E-mail: greiceduarte@id.uff.br



rica geografia de identidades étnico-raciais, culturais e religiosas, questiono: a produção negra está bem representada nos repertórios docentes?

O resultado da consulta considera que os livros são bens culturais de maior acesso/consumo na abordagem sobre cultura africana e afro-brasileira. Mais de oitenta por cento das participantes diz ter lido livros com protagonistas negros. Em contrapartida, quase quarenta por cento das respondentes nunca assistiu peças teatrais com roteiros sobre o tema. Talvez pela facilidade de transmissão *online*, mais de cinquenta por cento informa que assiste conteúdo de vídeo, filmes e séries que abordam temas das culturas africana, afro-brasileira e/ou que tenham protagonistas negros. Acerca dos ritmos africanos e afro-brasileiros, pouco mais de vinte por cento das respondentes afirma nunca ter dançado. Contudo, a mesma quantidade informa que escuta sons e músicas de origem africana e/ou afro-brasileira diariamente. A visitação aos museus e centros culturais, bem como a apreciação de artes visuais, não se configura como hábito para as participantes que responderam ao formulário. Quase setenta por cento considera ser raro o acesso aos espaços de arte e exposições que retratam culturas negras.

Consultar os professores permitiu o acesso a seus inventários, aos bens e repertórios artístico-culturais com protagonismo negro, fornecendo elementos para sua contínua formação e para propostas que incluam a diversidade étnico-racial nas creches e escolas. Os resultados do estudo apresentam referências negras que resistem nos processos formativos das professoras e apresentam-se como referências às suas escolhas pedagógicas. Indicam que há pouca presença de artistas, espaços e/ou manifestações culturais que representam as tradições africanas, afro-brasileiras e/ou os cenários socioculturais do negro. Se é de acordo com o que professores conhecem que as escolhas pedagógicas são feitas na escola, o estudo indica ser necessário empreender mais esforços na ampliação e diversificação das referências artístico-culturais dos docentes, incluindo mais produções culturais negras.

Na discussão acerca das práticas culturais, as leituras realizadas com protagonistas negros indicam mais de trinta autores e quarenta títulos. Entre os



títulos, dez são direcionados ao público adulto e trinta e sete são direcionados ao público infantil. É importante considerar que tivemos um mercado editorial em expansão no que diz respeito à diversidade, a partir da primeira década do novo milênio. De acordo com Debus (2017), a ampliação da temática étnico-racial nos livros infantis deve-se à demanda promovida pela Lei 10.639/03, que coloca a literatura comprometida com outras representações sociais.

Sobre o acesso a peças teatrais e espetáculos, as respostas consideram a escola, o teatro e os espaços culturais do SESC como espaços frequentados. As cidades de Niterói, Rio de Janeiro e São Gonçalo aparecem como lugares de acesso. Aquelas respondentes que assistem em formato digital, citam a Internet, a TV (canal fechado) e o Youtube como canais de comunicação de peças teatrais.

Sobre o modo de assistir filmes e escutar músicas na contemporaneidade, vale dizer, conforme Barbosa et al (2020), que as tecnologias da informação e comunicação ampliaram as práticas culturais, permitindo uma maior disponibilidade de bens culturais. Uma vez que os serviços de *streaming* vêm modificando os modos e hábitos das pessoas em assistir filmes e ouvir músicas por meio da internet. Essas foram as atividades mais comuns no período da pandemia, de acordo com estudo do Itaú Cultural e Datafolha (2021). Atualmente, o usuário tem sua independência e pode escolher o que vai consumir. Isto se mostra nas respostas à questão sobre a frequência de acesso a sons e músicas de origem africana e/ou afro-brasileira. Estas, estão incluídas na rotina de forma diária ou semanalmente. Sobre cantores, compositores e/ou canções conhecidas, as respondentes citaram artistas nacionais, referências da Música Popular Brasileira e também do samba/pagode.

Dançar é movimentar-se pelo espaço, é sentir o corpo livre, é comunicar-se consigo mesmo. De acordo com Garcia e Hass (2003) está relacionada com a expressão de emoções, conhecimento do corpo, entretenimento e educação. É uma das manifestações corporais mais antigas, que tem relação direta com a cultura. Sobre danças afro-brasileiras, as autoras dizem ser uma dança gerada a partir da fusão das danças da cultura africana com as da cultura brasileira. Pergunto: por que não dançam? Seria uma indisponibilidade de conexão com o



corpo? Há falta de tempo? Ou desconhecimento sobre batucadas, sambas, capoeira, jongo, maracatu, dentre outros? Será que aspectos religiosos influenciam a prática de dançar ritmos afro? São aspectos que merecem investigação, mas fogem ao propósito da presente pesquisa. De encontro às respostas, entre os grupos de danças e ritmos citados, aparecem nomeados: Samba de raiz, Carimbó, Jongo, tambor de crioula, Axé, forró, capoeira, maracatu, funk e rap nacional. Artistas pouco conhecidos, tais como: Ballet Afro, Grupo Musical Ilê Ayê, Olodum, Lia de Itamaracá, D. Nicinha do Coco, Grupo Mariocas.

Pintura, desenho, gravura, fotografia, escultura, dentre outros, caracterizam manifestações ou obras reconhecidas como artes visuais. Elementos que são parte de um conjunto de arte, produzidas para serem, especialmente, agradáveis aos olhos. Dos espaços de arte em que podem ser apreciadas, o acesso a museus e centros culturais foram destacados no questionário. A respeito da visita a museus, Bibian (2017) argumenta que as ideias, concepções e práticas envolvidas revelam questões ainda não resolvidas. Por tratar-se de lugares historicamente elitistas, muitos visitantes acabam por se sentir excluídos pelo espaço físico intimidador, pelos textos pouco esclarecedores, pelas obras e objetos incompreensíveis, diz a pesquisadora. Contudo, a autora afirma que o museu é algo vivo, que pode estar a serviço dos interesses ideológicos de determinados grupos sociais, econômicos, étnicos, religiosos, e por isso, pode também libertar.

As respostas de quem nunca frequentou exposições sobre a temática africana ou afro-brasileira provocam a reflexão sobre os repertórios imagéticos das professoras da Educação Infantil, suas experiências com o desconhecido, participação em atividades criativas fora do espaço escolar, o diálogo com as ações desenvolvidas por espaços culturais. E, principalmente, fazem refletir sobre o conhecimento dos educadores a respeito do patrimônio material e imaterial da humanidade. No percurso formativo de professores, há poucas oportunidades para a ampliação de repertórios estéticos, para as experiências de fruição e de produção artístico-culturais (OSTETTO; SILVA, 2018). Essa



lacuna relacionada à arte de forma geral, aumenta a preocupação com relação ao conhecimento acerca da produção artístico-cultural negra. Dificilmente a escola reconhece e compartilha obras e artistas além dos modelos hegemônicos, pautados no padrão branco-europeu.

Como considerações finais, ressalta-se a importância da escola e seu papel preponderante na emancipação dos grupos discriminados. Construir a educação das crianças a partir de referências ancestrais negras (e também de todos os segmentos étnico-raciais), considerando sua descendência africana, sua cultura e história, é ato democrático, zela pela igualdade de direitos e a cidadania plena para todos, e não apenas alguns.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Naftally Dantas; PAIVA, Emanuella Rodrigues Veras da Costa; MORAIS, Paulo Henrique de; GOIS, Adriano Lucena de; BARBOSA, Ana Raquel de Sousa Barbosa. **Consumo cultural:** os serviços de *streaming* e o novo modo de assistir filmes e ouvir músicas na internet. Anais do VII Congresso Nacional de Educação. Maceió AL, 2020.

BIBIAN, Simone. Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX. 2017, 167 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói RJ, 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003** Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

DATAFOLHA. Realização Itaú Cultural e Datafolha. **Hábitos Culturais II**. Junho, 2021. Disponível em <<http://spcine.com.br/wp-content/uploads/DATAFOLHA-Ha%CC%81b-Culturais-2021.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2022.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis – SC, NUP/ CED/UFSC, 2017.

GARCIA, Angela; HAAS, Aline. **Ritmo e Dança**. Canoas: Ulbra, 2003.

OSTETTO, Luciana ; SILVA, Greice D. B. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas, necessidades e desejos. **Revista Educação e Cultura**



**Contemporânea**, Tubarão, v. 15, n. 41. p. 260-287. Jan/jun. 2018.

Disponível

em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/4701>>.

Acesso em: 11 dez. 2022.